

LIBERDADE, IGUALDADE, FRATERNIDADE.

SERMÃO

PREGADO EM 21 DE SETEMBRO DO CORRENTE ANNO

NA IGREJA

DA CRUZ DOS MILITARES

DESTA CORTE

PELO

DR. JOAQUIM DO MONTE-CARMELO.

MONESTERIO DA SÉ DE S. PAULO.

RIO DE JANEIRO

TYP. DO--DIARIO DO RIO DE JANEIRO

97--Rua do Ouvidor--97

1865

M11



LIBERDADE, IGUALDADE, FRATERNIDADE.

SERMÃO

PREGADO EM 21 DE SETEMBRO DO CORRENTE ANNO

NA IGREJA

DA CRUZ DOS MILITARES

DESTA CORTE

PELO

DR. JOAQUIM DO MONTE-CARMELO.

MONEGO DA SÉ DE S. PAULO.

---

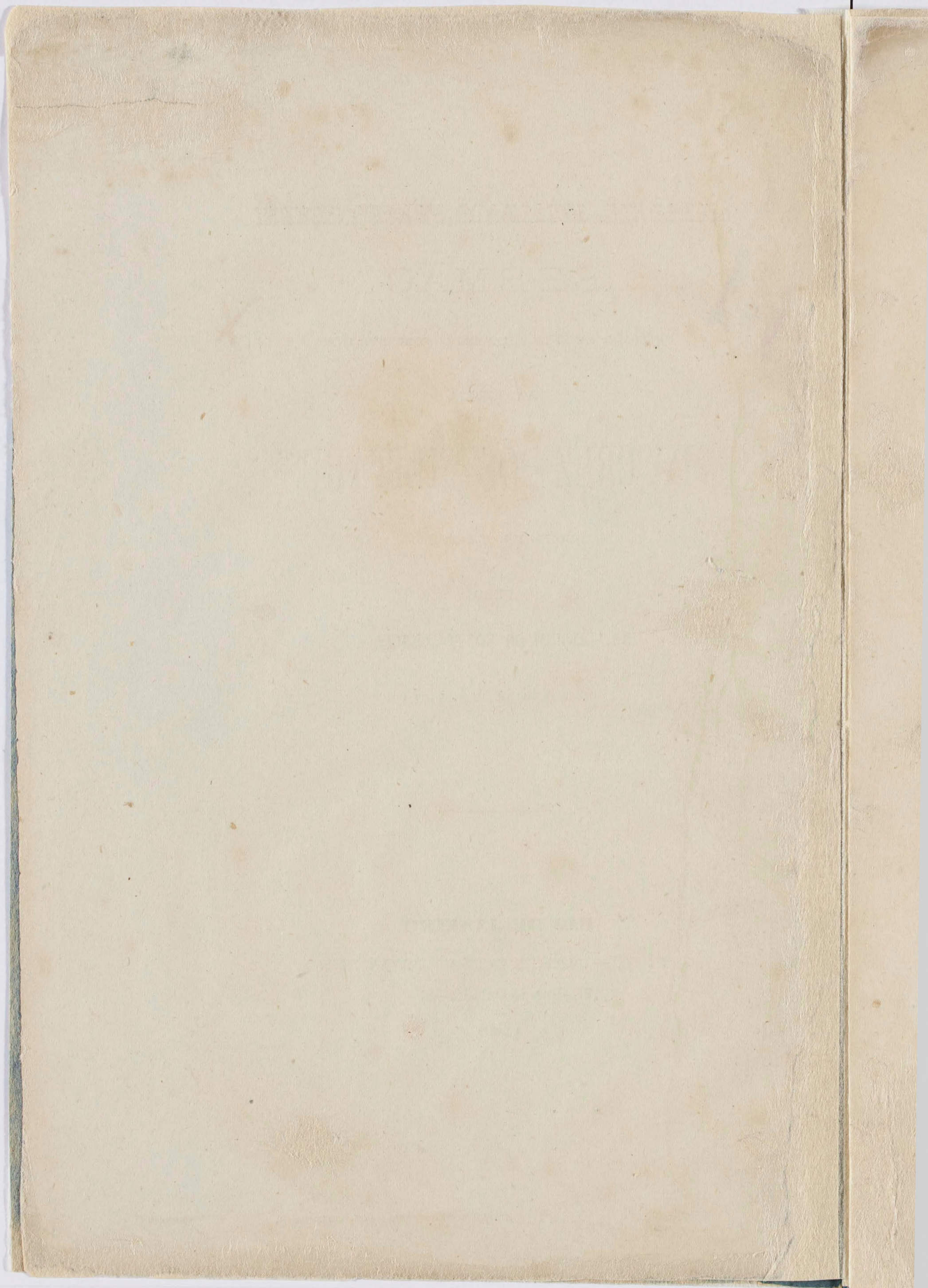
RIO DE JANEIRO

TYP. DO -- DIARIO DO RIO DE JANEIRO

97—Rua do Ouvidor—97

1863

1  
MIL



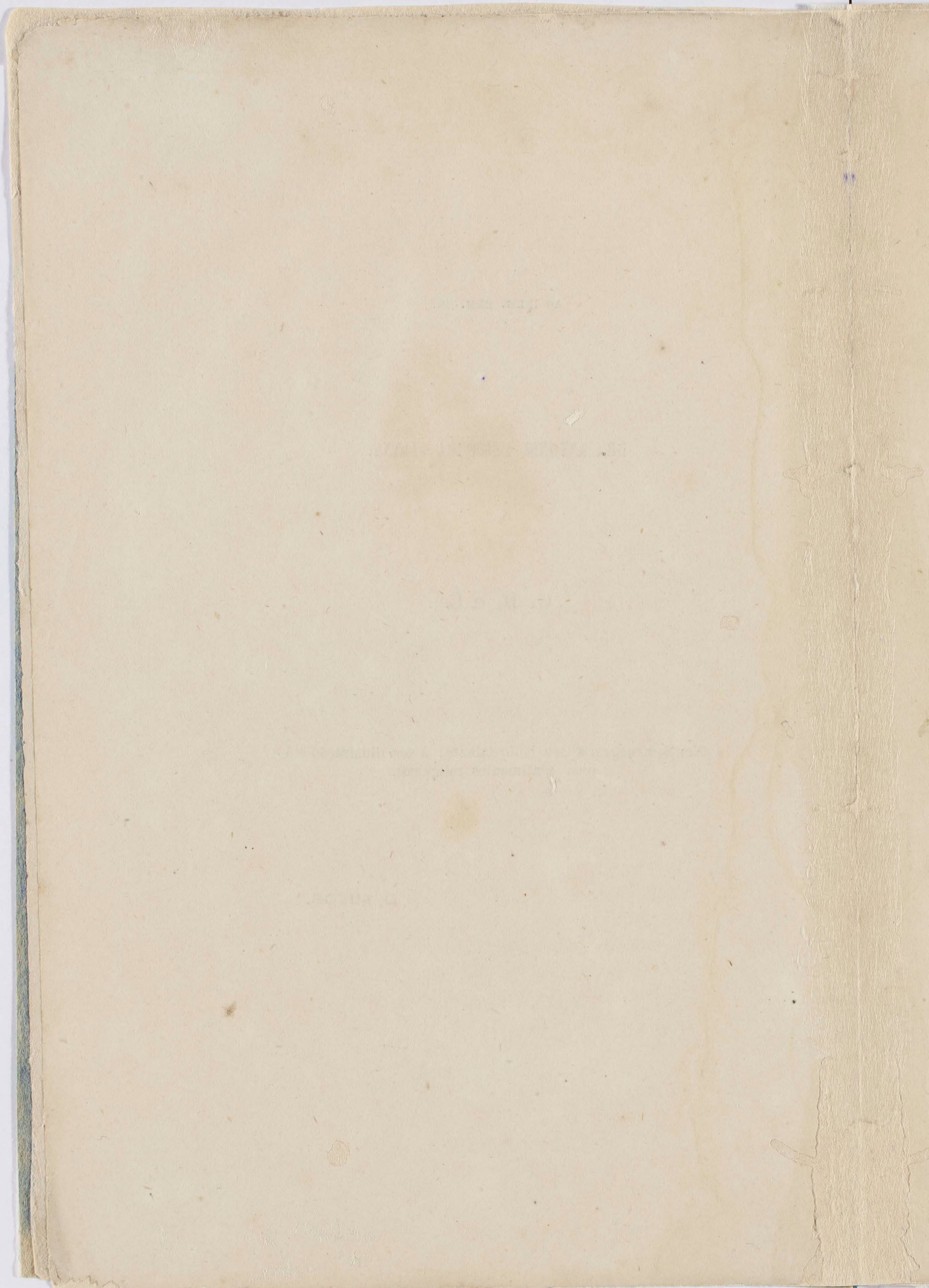
AO ILLM. EXM. SR.

DR. ANTONIO FERREIRA VIANNA.

O. D. e C.

Em homenagem á seu bello talento, á sua illustração e á  
seus sentimentos religiosos.

O AUTOR.



# LIBERDADE, IGUALDADE, FRATERNIDADE.

Faculdade de Filosofia  
Ciências e Letras  
Biblioteca Central

Et ego si exaltatus fuero à terra,  
omnia traham ad me-ipsum.

JOAN. 12, 32.

SENHOR !

O christianismo não é uma dessas necessidades creadas pela abastança e o luxo, das quaes se prescinde, quando circumstancias menos lisongeiras aconselham a sua suppressão. Guia indispensavel do homem, ai daquelle que ousa abandonal-o, que não se entrega exclusivamente á sua direcção, desde o berço até o tumulo.

Nem consist-, christãos, a religião santa, que felizmente professamos, na multiplicidade e magnificencia de seus templos, ou no esplendor de suas festas: se assim fóra, não se chamariam catholicos os povos que habitam cidades secundarias, pobrissimas villas e aldeias, que não podem competir a semelhante respeito, com as primeiras capitaes do mundo, com essas modernas Babylonias, aonde, a par de algumas virtudes, reinam tambem vicios e desordens, que não existem nos mais insignificantes logarejos.

Tão pouco não consiste a doutrina do Crucificado na esteril exposição de suas archeologicas bellezas, pois que então seria antes um museu de raridades, por sem duvida muito estimaveis, mas não uma regra imprescriptivel de conducta.

Dirigir suas acções de accordo com a lei promulgada do alto da Cruz, tal é o dever caracteristico do calholico (1); e é debaixo desta condição essencial, que o hemem se dirá feliz

Mas, o que é felicidade?

Se dirigissemos a pergunta a um philospho, a um guerreiro ou a quem só cuida em ouro, ouviriamos logo deste, que a felicidade é possuir muitos thesouros; é, diria o guerreiro, rechassar o inimigo, destruir-lhe as forças, impossibilitar-lhe os meios de defezo, vencel-o, sem perigo algum dos bravos que me acompanham; a felicidade, diria finalmente o philospho, é entrar nos archanos da sabedoria.

Fazei, porém, do homem que assim pensa um Socrates, um Platão, um Aristoteles; collocai o guerreiro acima de Alexandre ou Cesar; convertei o Cresos em novo Salomão, e vereis todos tres confessarem altamente com o regio filho de David, que a riqueza, os louros e a sciencia, são apenas vaidade e afflicção de espirito *Ecce universa vanitas et afflictio spiritus* (2)! »

Entretanto, bem que não seja um privilegio exclusivo do sabio, do valente ou do rico, a felicidade existe tão realmente neste mundo, como existem o bem e o mal, a virtude e o vicio.

Fim principal de nossa existencia sobre a terra, adaptado a todas as condições humanas, tanto direito tem a



ella o millionario comoo pobre, o forte como o fraco, o ignorante como o sabio; pois que filhos todos do mesmo Deus, Ser infinitamente bom e justo, não podia Elle desherdar uns em beneficio dos outros, sendo como é igualmente rico e grandioso, para dar tudo a cada um, sem nada perder de seus thesouros.

E, pois, só não tem direito a esse dom celeste o homem que voluntariamente se deixa captivar pelas paixões e pelos vicios. Por isso diremos, que o homem é tanto mais feliz quanto é mais livre, isto é, mais inclinado ao bem.

Daqui segue-se necessariamente, que a liberdade é uma condição essencial para a felicidade, a que tem iguaes direitos todos os descendentes de Adão, como filhos adoptivos do Eterno (3), que como taes os reconhece em virtude do cruento sacrificio da Victima Divina, que do alto da Cruz em que expirou attrahiu todos á si, conforme predissera nas palavras que servem-nos de epigraphe. « *Et ego si exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me-ipsum.* »

Essa fraternidade, porém, em que nos constituiu a Cruz do Homem Deus, essa igualdade de direitos, que ella assegura a todos os que militam sob o seu invencivel estandarte, essa liberdade, finalmente, de que depende a applicação aos peccadores do Sangue tão generosamente derramado no Calvario, será porventura a mesma liberdade, será a mesma igualdade, a mesma fraternidade de que tanto se preoccupam os politicos?

E' o que pretendemos examinar, Senhor, no discurso com que vimos occupar vossa attenção e a d'este auditorio piedoso, que comnosco vos acata, como a encarnação de um principio, cuja intuitiva utilidade está no animo e no coração de todos os que habitam o vasto Imperio da

Santa Cruz. Dignai-vos, pois, ouvir o ultimo de seus sacerdotes, que ainda hoje tem a honra de fallar-vos em nome da Igreja Brasileira, parte integrante e inseparavel da Catholica, Apostolica, Romana, fóra da qual não ha salvação para os povos, como não ha para os individuos (4).

---

« Não ha homem algum, dizia um illustre prelado da Igreja Gallicana, não ha homem algum, por mais ignorante, por mais grosseiro e por mais simples que seja, que não se entenda perfeitamente quando diz: *Eu sou livre.* (5) » Dizer, porém, christãos, o que seja liberdade, é o que não tem sido facil aos philosophos mais profundos, nem aos mais consummados estadistas. Nenhum delles concorda, sobre o verdadeiro sentido da palavra. Tomemos, entretanto, a definição de um escriptor modernissimo, a quem sem duvida compete as qualificações de estadista e de philosopho.

« A liberdade, diz elle, é uma vontade efficiente, isto é (são suas proprias expressões), capaz de optar por si mesma entre o bem e o mal, e de effectuar um ou outro. (6) » Mas se assim fôra, seguir-se hia necessariamente que, quanto mais perfeito o homem se mostrasse, menos livre seria! Por quanto, o que torna o homem perfeito senão o imperio que elle exerce sobre suas paixões, fazendo-as ceder á força da razão e do dever? E neste caso, pôde haver opção (7)?

Talvez nos objectem, que quando o homem assim se determina, podia determinar-se do modo contrario. Mas,

nós responderemos, que a voz do dever falla tão imperativamente ao homem honesto, ao homem justo, ao virtuoso, que, á despeito de todos os movimentos de sua vontade praticará sempre o bem.

E' assim que o soldado brioso esquece que é filho, que é esposo e que é pae; quebra com todos esses laços do sangue e da amizade, e atira-se com denodo ás phalanges do inimigo, á cujo ferro e fogo succumbe coberto de feridas, mil vezes mais contente e satisfeito, do que se vivera para seus paes, para a esposa e para os filhos, desertando covarde o seu posto de honra, trahindo vilmente a sua patria, embora certo que esta não possa, ou não queira mesmo galardoar seu generoso sacrificio !

Da mesma sorte, o homem honrado, que luta com todos os horrores da miseria, que não tem pão para seus filhos, que os vê morrendo á fome e á nudez, não empregará jamais a violencia, a fraude ou qualquer outro meio reprovado, de que aliás possa dispor impunemente, para sahir d'essa situação dolorosissima. Muito mais inabalavel que o vingador da celebre Lucrecia, ou melhor, tão inflexivel como a heroica mãe dos Machabeos, elle assistirá a morte de toda a sua innocente familia, a quem ama e idolatra, para não praticar acção alguma que o desaire perante ella, perante os seus concidadãos, perante Deus, perante a sua propria consciencia !

E um homem tal não será livre? Não foi livre o Filho de Deus, em quem nunca pairou a mais ligeira sombra de maldade? Não é soberanamente livre o Ser dos seres, apezar da impossibilidade methaphysica em que se acha de praticar o mal?

Logo, christãos, a liberdade não consiste na escolha

entre o justo e o injusto, em fazer ou deixar de fazer o que se quer; mas e unicamente, em fazer o que se deve; e é justamente o que torna o homem digno de louvor e de premio. Por isso dizemos, que um paiz é tanto mais feliz, quanto é mais livre; isto é, quanto suas leis, *fielmente executadas*, podem levar os individuos á perfeição e á felicidade, e não porque estes *fazem o que querem* (8).

Dizer, pois, que todos os homens nascem livres, isto é, que ninguem está sujeito á deveres que lhe dobrem a vontade, e lhe reprimam os caprichos, «é desencadear as paixões da multidão ignorante (9)»; é desconhecer que o homem, creatura essencialmente social, não póde jámais existir sem um guia que o conduza, sem um amigo que o aconselhe, sem um poder que o governe, sem uma força a quem obedeça; é, finalmente, negar que sem força não ha ordem (10), e sem ordem nem uma sociedade é possível.

Subordinar essa força á lei, para que não degenerere em violencia ou tyrannia: evitar que os seus agentes ultrapassem os limites da justiça; mostrar aos subditos aonde pára o sacrificio de sua obediencia: eis o que fez o Evangelho (11)!

· Sim, Senhor, eis a gloria que pertence exclusivamente a esse Codigo Immutavel, segundo o qual serão julgados os povos e os reis! Consenti, pois, que a humilde voz que se ergue neste sanctuario, repita o que ha mais de quatro lustros teve já a honra de dizer-vos: « Deixai-vos possuir das maximas divinas do Evangelho, executai as fielmente, e o vosso povo será feliz, e a patria ser-vos-ha sempre agradecida. Os principes verdadeiramente christãos foram sempre amados de seus subditos; e é sem duvida

á influencia do christianismo que elles deveram todas essas brilhantes qualidades, que, na phrase de um sabio, farão o eterno reconhecimento dos seculos futuros (12). »

Por isso, christãos, com sobeja razão se diz, que o christianismo mudou completamente a face do mundo moral. Nem somos somente nós os catholicos, que reconhecemos esta verdade. Ella ouve-se tambem da bocca dos mais implacaveis inimigos do nome christão.

« O mais poderoso vinculo a que a Europa deve a especie de sociedade, que se perpetuou entre seus membros, diz o famoso D'Alembert, é o Christianismo. De-presado em seu nascimento, elle serviu de asylo a seus detractores. O Imperio romano encontrou nelle recursos que já não achava em suas forças; as missões lhe valeram mais do que as victorias. O Christianismo mandou bispos que repararam as faltas dos generaes romanos, cujos soldados batidos eram substituidos por padres que triumphavam. E' assim que os Francos, os Godos, os Lombardos e outros reconheceram a autoridade do Imperio, depois de o haverem subjugado (13). »

E como não seria assim, christãos, se o Christianismo falla com tanta força e com tanta clareza ao coração do mais profundo ignorante como ao da mais elevada intelligencia; se com elle todos vão seguros na pratica do bem, se com elle todos conhecem que a justiça é o elemento mais indispensavel da felicidade publica e privada?

« Lembra-te, oh! povo, dizia o sanguinario Robespierre, lembra-te que, se na Republica não reina a justiça, com um imperio absoluto, a liberdade será um nome vão: lembra-te que, por toda a parte onde não reina a justiça, reinam as paixões. (14) »

E não é isto reconhecer solemnemente a necessidade do Christianismo? Que outra instituição revelou tão perfeitamente os principios immutaveis da justiça eterna, contra os quaes nem uma transacção é possível, nem um passo é acertado, nem um pensamento é licito?

Se a vossa justiça, dizia o Divino Mestre a seus discipulos, se a vossa justiça não fôr mais abundante do que a dos Escribas e dos Pharisêos, não entrareis no reino do céo. «*Nisi abundaverit justitia vestra plus quam Scribarum et Phariseorum, non intrabitis in regnum caelorum* (15) »

E quem eram os Escribas, quem eram os Pharisêos?

Eram homens que passavam pelos mais esclarecidos e os mais observantes da lei de Moysés; mas, que limitavam toda a sua obediencia e exacção a meras exterioridades! E' assim que, condemnando elles o justo por excellencia, contra o qual nada poderam provar, não se atreviam a subir no pretorio de Pilatos, para *não se contaminarem!* Não é esta, pois, a justiça que o Salvador exige de nós outros. Elle quer que as nossas palavras exprimam os nossos pensamentos, e que estes estejam de perfeito accordo com as acções que praticarmos, para que evitemos o procedimento tantas vezes condemnado do povo hypocrita, que o louvava só de boca, mas cujo coração longe estava de amal-o. «*Populus hic labiis me honorat, cor autem eorum longe est à me.* » (16)

Em que mais consiste a justiça que o Homem Deus exige daquelles que militam sob o invensível estandarte de sua Cruz?

Consiste na igualdade com que se deve dar a cada um o que é seu, de sorte que « a lei não seja substituida pela força; e que o mais fraco dos cidadãos encontre apoio e defeza na autoridade publica, quando esbulhado de seus

direitos. (17) » D'aqui a razão porque dizia o sabio Ventura: « A verdadeira liberdade é o fructo da verdadeira fé e da verdadeira virtude, que o Espirito de Deus faz germinar em nossos corações... Só com o Christianismo verdadeiro, com o Catholicismo, é que se póde, sem perigo, fazer politica verdadeiramente liberal (18). »

E pois que fallámos em *igualdade*, vejamos tambem o que ella seja.

---



## II.

« A palavra *igualdade*, diz um escriptor, não tem equivalente nas linguas antigas, porque a idéa que ella representa sómente appareceu no mundo com o Christianismo. (19). »

Na verdade, christãos, os Hebreos, possuidores da legislação a mais perfeita, não tiveram idéa alguma dessa *igualdade*, que preocupa hoje tantos espiritos. E' certo que Moysés ensinou-lhes que todos os homens procedem do mesmo tronco, que são todos filhos do mesmo Adão; mas nunca elles pensaram, que o filho pudesse ser igual ao pae, o subdito ao rei, o escravo ao senhor. Nem seu grande libertador, interprete fiel dos oraculos de Jehovah podia jámais dizer-lhes o que nunca ouvira de sua bocca adoravel.

Como os Hebreos, todas as nações antigas viviam como vivem hoje a China, o Japão, a Persia e todos os povos ainda não illuminados pela Fé. Todos pensavam, que a quasi totalidade do genero humano, estava condemnada a viver e morrer para goso e satisfação de um pequeno numero de homens, a cujas vontades e caprichos se curvavam todas as cabeças, sob pena de castigos os mais atrozes. (20).

Todos os philosophos e legisladores pagãos bem reconheceram tão degradante anomalia; mas, emquanto, para removê-la, alguns perdiam-se no dedalo de systemas, cada qual mais imperfeito, mais extravagante e absurdo, ia a pobre humanidade gemendo de mal a peor, como geme o enfermo, cujos medicos não atinam com a molestia, e menos ainda com os meios de cural-o (21) !...

Chegou, porém, a hora em que o Sol Divino decretara sua gloriosa apparição! Jesus Christo, o Filho do Altissimo, o Salvador do mundo, falla e ensina a seus discipulos, e na pessoa destes a todos os descendentes de Adão, que quando elevassem a Deus seus pensamentos, quando lhe pedissem suas graças, os favore que só d'Elle deviam esperar, lhe dissessem: Padre nosso que estais nos céos! *Pater noster, qui es in caelis* (22).

Palavras sublimes, expressões maravilhosas, e nunca ouvidas até então! Ellas dão-nos a noção a mais completa do Creador, de sua omnipotencia, de sua bondade infinita! Revelam-nos o amor, o reconhecimento, a gratidão que lhe devemos, a confiança com que podemos invocal-o, como ao maior dos protectores, ao mais dedicado dos amigos, ao mais extremoso dos paes! Mostram-nos, emfim, o quanto somos superiores a todas as outras creaturas terrestres, pois que nem uma outra tem o direito de chamar-se *filho de Deus*; nem uma póde interessar-se em sua gloria; nem uma espera, como nós, habitar com o Creador! *Pater noster qui es in caelis, sanctificetur nomen tuum, adveniat regnum tuum!*

Oh! e o que são todas as grandezas do mundo, de que servem todas as distincções humanas, em comparação da honra incommensuravel, que nos conferem estas palavras ?!..

Todavia, christãos, o mesmo Ser Divino que nos revelou tanta grandeza, tambem disse nos que o meio de attingir-mol-a seria fazendo-nos obedientes como Elle, que o foi até á morte, e morte de Cruz. *Factus obediens usque ad mortem, mortem autem Crucis* (23).

Ora, se o Senhor dos céos e da terra, se o Arbitro supremo dos mundos, se o Creador do universo humilha-se e morre por suas creaturas: o que nos cumpre fazer para lhe testemunharmos o nosso profundo reconhecimento, a nossa gratidão, o nosso amor, senão imitar os seus exemplos e obedecer cegamente á seus preceitos? E o que nos mandou Elle? Ouçamos o chefe de seu apostolado.

Vós sois, diz S. Pedro, no capitulo segundo de sua primeira epistola, sois a raça escolhida, a nação santa, o povo predilecto, destinado a publicar as grandezas d'Aquelle que vos transportou das trévas aos esplendores de sua luz admiravel! Comportai-vos entre os Gentios de um modo santo... Sêde obedientes por amor de Deus a toda a sorte de pessoas constituidas em dignidade como se fcssem mandadas por Elle para premiarem aquelles que praticam o bem e punirem os máos! « *Subjecti igitur estote omni creaturæ sive regi, sive ducibus, propter Deum, tamquam ab eo missis ad vindictam malefactorum, laudem vero bonorum.* »

Estas palavras foram de mais a mais autorisadas com muitissimos exemplos do Salvador, já mandando pagar tributo a Cesar (24); já recusando as funcções de juiz (25) pelo respeito com que sempre olhou o poder publico, pois que não viera destruir a lei, mas completal-a (26), já fugindo ao empenho com que o povo procurava aclamal-o rei (27); já finalmente ordenando aos leprosos curados por Elle, que se mostrassem aos sacerdotes (28). Ora, como se

compadece tudo isto com essa igualdade absoluta, que se ousa reclamar em seu Nome, ou em nome da philosophia pagã, igualdade que só pôde existir na imaginação tresloucada de cegos utopistas, que não comprehendem o mundo, ou não querem encherger as condições em que o Creador se aprouve estabelecê-lo (29). ?

Supponde christãos, uma combinação de passas que tivessem todas o mesmo peso, a mesma fôrma e a mesma capacidade ; quem lhe imprimiria o movimento ? Qual seria a sorte do exercito, composto só de generaes inteiramente independentes uns dos outros, onde todos mandassem e ninguém obtecesse ? Quem não sabe que sem subordinação das partes ao todo não ha harmonia em cousa alguma, que sem harmonia não ha ordem, e que sem ordem não ha sociedade, como já vos ponderamos ?

Quereis igualdade na terra, quando no céu mesmo, centro de todo a perfeição, ha anjos, archanjos, cherubins, seraphins, potestades, virtudes, thronos (30) ? Porventura, o solitario que passou tranquillo a vida á sombra de seu pacífico mosteiro, na doce contemplação das grandezas e misericordias de seu Deos, receberá d'Elle a mesma corôa adquerida pelo infatigavel apostolo, que affrontou perigos de todo o genero, no mar, em terra, nas prisões, nos cadafalsos, onde sellou destimidamente com seu sangue a sua fé ? Quem ignora que o justo Juiz promette recompensar a cada um segundo a medida de seu merecimento (31) ?.

« O nosso facto Fundamental, nos dirão sem duvida, assegura a todos igualdade de direitos. »

E como entende elle essa igualdade ? Porventura á seus

olhos, o analphabeto, o mentecapto, o homem corrompido, o réo de policia, terá os mesmos direitos aos empregos do Estado, ás honras e ás distincções, que tem o cidadão prestante, intelligente e virtuoso? O filho do preguiçoso ou do inepto, que não soube ou não quiz adquirir fortuna, nascerá porventura com os mesmos direitos, com que nasce o filho do laborioso artista, do lavrador solícito, que á custa de trabalho e de fadigas, soube multiplicar os seus haveres, para constituir seus descendentes na abastança? Fôra preciso, christãos, ignorar que o nascimento, a educação, o estudo e o trabalho, colloca os homens em condições muito diversas uns dos outros, acerca dos objectos que o rodeam (32) !

« Eu não conheço, diz um distincto publicista, eu não conheço falsidade ou engano mais grosseiro, do que o de certos homens que pretendem explorar o Christianismo em proveito dessa anarchia brutal e leuca, a que elles dão o nome de *Democracia Social*. O Evangelho e a historia repellem igualmente uma tão absurda profanação. A causa da autoridade civil e religiosa são evidentemente communs. A ordem divina e a ordem humana, o Estado e a Igreja tem os mesmos perigos e os mesmos inimigos (33). »

Dizendo que « a lei será igual para todos (34), » a nossa Constituição Politica nada mais faz do que assegurar, que, com o mesmo poder, com a mesma força e efficacia com que sustentará em seu direito o rico proprietario de grande porção de terreno por exemplo, com esse mesmo poder, com essa mesma força e efficacia, manterá o direito do pobre á sua humilde habitação, a seu imperceptivel quintal, ao tenue fructo de seu suor e de suas fadigas. Ora, daqui ao socialismo, ao communismo, ou como melhor o chamem, a distancia é infinita !

Ha porém um meio porque todos os homens podem attin- gir á mesma grandesa, aos mesmos gosos, á mesma felicida- de: é que sendo todos dotados da mesma faculdade de co- nhecer o bem e de abraçal-o, isto é, de pratical-o: sempre que o fizerem, como devem, acharão um Deus, que, fiel ás suas promesas, abrirá os thesouros de sua munificencia in- finita para distribuir com imparcialidade de juiz e com generosidade de pae, por todos aquelles que o merecerem, sejam grandes, sejam pequenos, sejam ricos, sejam pobres, sejam subditos ou monarchas, sejam senhores ou escravos; pois que, diante d'Elle todas as distincções desapparecem; porque só Elle comprou todos e cada um dos descendentes de Adão, pelo inestimavel preço do Sangue de seu Filho. *Proprio Filio suo non pepereit sed pro nobis omnibus tradi illum* (35).

Passemos ao nosso ultima problema.

---

### III

Assim como o mais eloquente dos oradores profanos, dirigindo-se do Fôro a seus concidadãos, chamava-os *romanos*, assim também os ministros da Igreja, fallando aos fieis em nome da digna filha de Sião, os chamam *irmãos*; e estas simples expressões, que, á primeira vista nada parecem dizer, symbolisam a immensa distancia que vae da civilisação christã á do paganismo, da verdade ao erro, do captiveiro á liberdade, da dominação de Satanaz ao reinado da Cruz!

Certo, christãos, quem diz *irmãos*, diz amor, humanidade, justiça, direito: quem diz *romanos*, diz capricho, violencia, crueldade, tyrannia. E senão dizei-nos o que era o pretendido povo-rei nos bellos dias de sua famosa republica, quando o seu poder chegava aos ultimos confins da terra, ou no pacifico reinado de Augusto, quando a sua dominação já não encontrava resistencia alguma?

Era um povo sem dignidade e sem acção, que aceitava covarde quantas cadeias lhe impunham com tanto que lhe dessem pão e espectaculos, embora fossem estes os mais deshumanos e atrozes! *Panem et circenses!*

Era um povo, que appludia com satanico furor essas horriveis hecatombes, em que pereciam de uma só vez

trinta mil victimas humanas, que tomavam pela mais subida honra morrerem em combates simulados, ou ao dente de feras esfaimadas, para brinco e satisfação de seus imperadores! — « *Imperator, morituri te salutant* (36)! »

Era, finalmente, um povo, que com o mesmo profundo aviltamento, com que acompanhava o senado em suas adulações a Julio Cesar, com esse mesmo assistia impassivel ao criminoso assassinato deste grande homem (37)!

Tal é, christãos, o resultado funesto das mystificações e das mentiras, quando invocadas como meios de governo! Ellas começam por arrancar do coração dos povos todos os sentimentos de honestidade e de justiça, e acabam por fazel-os indifferentes ao crime, embora aggravado das mais horrorosas circumstancias!

Os Cassios e os Brutos, devedores da vida, da fortuna e da brilhante posição que occupavam ao illustre dictador, o fazem cair a seus golpes traiçoeiros, e vinte tres horriveis punhaladas dão cabo do mais generoso dos amigos, do mais habil e solícito dos administradores, do mais valente e afortunado dos guerreiros, do primeiro homem da Republica e de seu seculo! Entretanto, o povo romano, que o chamava ainda ha pouco *pae da patria* e *semi-deus*, consente que o senado delibere se os vis assassinos de Cesar devem ser antes premiados, que punidos (38)!!!

E' assim que os governos e os povos são despenhados no fundo dos abysmos por aquelles que se dizem seus amigos, e que, sob a capa do bem publico, provocam as catastrophes, ou as exploram como os Lepidos, os Antonios e Octavios, para só satisfazerem sua ambição e exercerem suas vinganças! Porisso dizia com razão o sabio Balmes:



« De ordinario as maximas favoraveis á liberdade nunca são levadas a tão longe, como na vespera do dia em que se estabelece o despotismo; e nunca se deve receiar tanto as revoluções e a ruina dos governos como quando o cobrem de indignas adulações (39) »

Foi justamente o que aconteceu ao povo romano.

Complexo monstruoso de patricios e plebeus, de senhores e escravos, de vencedores e vencidos, eram estes collocados em mil vezes peiores condições do que os proprios seres irracionaes! *Veh victis!* Era a maxima corrente, que a cada passo recebia novos testemunhos de sua triste realidade! Com seus bens pertiam elles a familia, a patria, a liberdade e até o direito á vida, que ficava á mercê de seus barbaros senhores!

« Nossos escravos, dizia o celebre Catão, nossos escravos são nossos inimigos (40) » e, como taes, o pretor Domicio mandava crucificar impunemente os seus por lhe haverem morto um javali! O senador Flaminio mandava assassinar os seus para satisfazer a cynica curiosidade de hospedes mais crueis ainda do que elle! E o famoso Pollion, o amigo intimo de Augusto, engordava com a carne desses infelizes as lampreias que figuravam em seus esplendidos banquetes (41)!

Nem eram só os miseros escravos que se viam a cada momento sob a espada de Damócles. Qualquer que fosse a posição social do individuo, sua reconhecida probidade e seus serviços, nada o abrigava de uma falsa accusação, de uma intriga tenebrosa, de uma simples suspeita, que de repente o atirava da opulencia á miseria, da liberdade ao carcere, da patria ao desterro, da vida á morte!

Assim acabou Cicero os seus dias, assim acabaram mil outros cidadãos importantissimos, victimas das famosas

proscripções, ordenadas por Lepido, por Antonio e por Augusto, que só deixou de ser tyranno e cruel, quando não teve rivales, quando viu concentrados em suas unicas mãos todos os poderes politicos, civís, militares e religiosos, para passarem depois aos Tiberios, aos Caligulas e aos Neros, que, no interesse mal entendido da propria conservação, traziam o imperio em continuo sobresalto, abriam os ouvidos á calumnia, alimentavam as intrigas, tornavam os paes suspeitos á seusfilhos, os irmãos a seus irmãos, os omigos a seus amigos, privavam-se dos Corbulãos e dos Senecas, pela morte injusta a que os condemnavam, fazendo-se acompanhar em seu logar por histriár e pantomimos, levando assim o Estado a tão profundo gráo de abatimento, que quando elle deu fé de sua proxima dissolução « não houve mais caracteres que o salvassem, nem braços herculeos que o reerguessem (42) ! »

Com effeito, christãos, quando as nações chegam a perder o sentimento de justiça; quando a lei é substituida pela força (43); quando o direito é a vontade de quem manda; quando o luxo invade todas as classes, e para mantel-o não se escolhe os meios; quando a religião é esquecida e aviltada em seus ministros; quando se duvida de seus dogmas; se calcam aos pés seus sacramentos; quando se profanam os seus templos; quando se parodiam suas augustas cerimoniaes; quando, dizemos, as nações chegam a esses extremos de decadencia: só Deus as póde salvar, como salvou o antigo mundo dos horrores e das abominações do Paganismo, dirigindo Elle proprio a cada homem estas palavras sublimes: Ama o Senhor teu Deus de todo teu coração e com todas as forças de tua alma; ama o proximo como a ti mesmo! « *Deliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, et in tota mente tua; et proximum tuum sicut te ipsum* (44) § »

Eis aqui, christãos, a procedencia verdadeira, legitima e unica da fraternidade dos homens. Eis o grande preceito que resume toda a lei e os prophetas (45) ! Eis o laço poderosissimo, que reuniu em uma só nação, em um só povo, em uma só familia de irmãos, todos os filhos de Adão, até ahi divididos por um antagonismo de tribus, de classes, de nacionalidades, de linguas, de crenças, de costumes ; antagonismo tão incomprehensivel, como irreconciliavel ; antagonismo, emfim, que trazia o genero humano em tão interminaveis lutas, que se chegou a pensar que a guerra fosse o seu estado natural. (46) !

Desse maravilhoso preceito, surgiu ainda est'outro, igualmente digno dos labios divinos que o proferiram : Amai os vossos inimigos ; orai pelos que vos perseguirem e vos encherem de calumnias, fazei bem áquelles que vos odiaram ! *Diligite inimicos vestros ; orate pro persequentibus et calumniantibus vos ; benefacite hiis qui oderunt vos* (47) ! »

De que meio, porém, servir se-ha o Salvador para fazer aceitar uma doutrina tão nova para o mundo e tão opposta ás idéas geralmente recebidas ? Que agentes serrão empregados na promulgação de uma lei, que deve abalar o mundo inteiro ?! Que sabios a hão de explicar ?! Que oradores convencerão os povos de sua palpitante utilidade ? ! Quem lhes persuadirá seu exercicio ?!

Não, christãos, Aquelle que fez andar os paralyticos, que deu vista aos cegos de nascença, que desatou a lingua aos mudos, não tem precisão alguma dos conselhos da prudencia humana para levar a effeito os planos de sua adoravel sabedoria ! E, pois, com a mesma omnipotencia com que o Filho de Deus serenou as tempestades e applacou os

ventos; com a mesma virtude com que multiplicou os pães e os peixes no deserto; com a mesma efficacia com que chamou á vida cadaveres ha quatro dias sepultados: com essa mesma efficacia, com essa virtude e essa mesma omnipotencia, chamará doze pobres pescadores, sem nome, sem illustração, sem nascimento, sem nem uma dessas qualidades que costumam attrahir as multidões, e com elles realisarã « a maior, a mais profunda e a mais vasta revolução que o mundo tem visto (48)! »

A' frente de seus humildes condiscipulos, Pedro, seu chefe, por sem duvida o mais timido e talvez o menos proprio d'entre elles para fallar em publico, toma antes de todos a palavra, e dirigindo-se aos proprios accusadores de seu Divino Mestre, aos proprios juizes que o condemnaram, aos que mais exigiram sua morte, lhes diz: « Meus irmãos! Seja-me permittido fallar-vos affoutamente do patriarcha David a quem Deus promettera um filho, que se sentaria sobre o seu throno. Esse filho é Jesus Christo, a quem Deus resuscitou, milagre este de que somos todos testemunhas oculares!... Saiba, pois, todo Israel, que o Senhor a quem Deus fez sentar á sua dextra é Jesus Christo a quem vós crucificastes *Virifrates, liceat audenter dicere ad vos de patriarcha David .. Siciat ergo omnis Israel, quia te Dominum eum . hunc Jesum, quem vos crucifixistis.* (49)

Oh! eo que dirão Roma e a Grecia quando ouvirem fallar de um Crucificado?! Que credito achará o mysterio da Cruz annuciado sem sciencia e sem arte, por homens desconhecidos, oriundos de uma nação geralmente detestada? O que farão elles no meio de povos os mais civilizados do mundo, acostumados com as bellezas que se diziam no Agora e no Fóro, e mais ainda acostumados com as poe-

ticas creações de seu Olympo e com as famosas saturnaes de Cesar, de Augusto e de Caligula?! ..

Não hesiteis, porém, dignos arautos do Evangelho, incansaveis propagadores da mais pura, da mais perfeita e da mais santa moral de que o homem tem noticia, e a unica que pó te regenerar seus corações, fazel-os verdadeiramente livres (50)! E' certo que o mundo, estranho á severidade de vossas expressões, escravizado aos prazeres, ás festas, aos jogos e ás paixões, nem uma attenção vos prestará ao principio. Cedendo ás exigencias de sua politica infernal, elle exercerá logo depois e proseguirá por tresentos longos annos as perseguições as mais atrozes! A's suas fogueiras, ás suas grelhas, ao dente de suas feras esfaimadas, ao golpe de seus afiadissimos alfanges, cahirão vossos corpos mutilados, e os de vossos illustres cooperadores; mas, vossas idéas, que não estão ao alcance do fogo, do ferro, dos tormentos, fecundadas pelo vosso sangue generoso, surgirão com centuplicada força para mostrarem aos tyrannos, aos incredulos e aos impios, que d'ora em vante sómente se vencerá com a Cruz e pela Cruz. *In hoc signo vinces* (51).

Cruz adoravel do nosso Divino Salvador! Fazei que nunca nos apartemos desta crença, e que fieis aos principios que lhe deram existencia, amemos de todo o coração o nosso Deus, amemos como a nós mesmos nosso proximo, amemos os nossos proprios inimigos, façamos bem aos que nos querem mal; e pela execução deste preceito verdadeiramente divino mereçamos sacudir o jugo das paixões que nos tyrannizam, e dest'arte sejamos todos attrahidos ao Coração Amorosissimo daquelle que disse: «*Et ego si exaltatus fuero à terra omnia traham at meipsum.*

DISSE.

## NOTAS.

(1) « O nome de *catholico*, disse Mr. *Amana Neut* em seu muito applaudido discurso á assembléa geral dos catholicos na Belgica (ses. de 27 de Agosto de 1863), o nome de *catholico* é como a nobreza, obriga-vos á honrar, á confessar por vossos trabalhos n'este mundo, vosso Pai que está nos céos. » E' o transumpto do que ha dezoito seculs ensinou a Verdade Eterna : « Sic lucead lux vestra vestrum coram hominibus ut videant opera vestra bona et glorificent Patrem vestram qui in caelis est. » Math 5, 16.

(2) Eccles. 1, 14.

(3) Ad Gal. 4. 4 e segs.

(4) Veja-se á semelhante respeito o luminoso discurso do bispo de Hermopolis, sobretudo a segunda parte, tom 3, pag. 133. Paris, 1833. Veja-se tambem Balmes, *Melanges Relig., Polit. et Philos.* tom. 1, pag. 356 Paris, 1854.

(5) *Dissertat. sur la Liberté de l'Homme*, par le Card. De La Luzerne, c. 1, pag. 281. Paris, 1843.

(6) *La Morale de l'Eglise et la Morale de la Nature*, par Mr. Bouville, pag. 393. Paris, 1866.

(7) Veja-se o discurso de P. Felix recit. em N. D. de Paris, em Julho de 1858, *Trib. sacr.* tom. 14, pag. 421.

(8) *Dir. Pub. Bras. e Anal. da Const. do Imp. pelo Sr Visconde de S. Vicente*. p. 1, c. 3, ses. 4. § 2, pag. 45. *Garnier Pagee*, *Dict. Pol.* Art. *Liberté*, La Relig. et la Lib. par Mr *Boutain* 2 conf. pag. 57. Paris, 1865. Obras de *D. J. Donoso Cortez*, t m 4, pag. 85 Madrid, 1854. *Essai sur le Pouvoir Pub.* par le *Pere Ventura*, c. 2, pag. 47. Paris 1869. *Le Protes. antisime Comparé au Cathol.* par *J. Balmes*, tom. 3, cap. 48. pag. 2, Paris, 1860. « A verdadeira liberdade dos povos, diz este grande escriptor, não consiste nas apparencias : reside em sua organisação intima, e mo a vida reside no coração. » No interessante e longo discurso de Mr. *Schollaerth* proferido na sessão de 21 de Agosto de 1863 d'assmbléa dos catholicos na Belgica, ouviram-se tambem estas palavras : « A liberdade, é uma recompensa exclusiva e providencialmente reservada ao homem que sabe vencer-se, e ás nações que se sabem governar. »

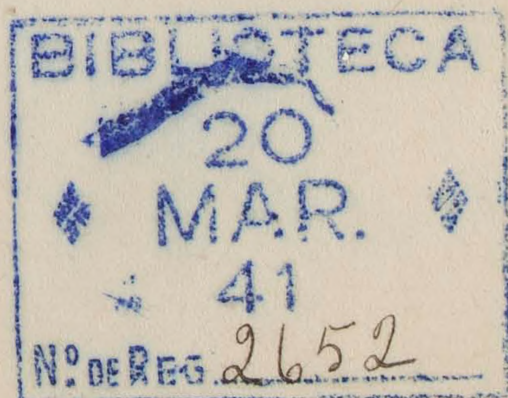
(9) *Le Liberalisme Jugé*, par Mr. De La Rallaye, pag. 12. Paris, 1874.

(10) *Œuvres de Chateaubriand*, tom. 10, pag. 79. Paris, 1853. *Garnier Pages* obr. cit. art. *Ordre*.

(11) *Balmes*, obr. cit. c. 54, pag. 135. *Ventura*, obr. cit. c. 8, pag. 310. Veja-se tambem o discurso preliminar do Sr. abbade *Gaume*, de sua excellente obra « *Histoire de la Famille* » pags. 16 e segs. Paris, 1844.

(12) Sermão pregado na igreja da Ordem 3ª de N. S. do Carmo, de S. Paulo, em 12 de Abril de 1846, por occasião da visita que Sua Magestade Imperial se dignou fazer aquella provincia.

- (13) *Le Christianisme e les Philos*, par L. Lahure, p. 1, pag. 352. Paris, 1846.
- (14) *Hist. des Girondins*, par Mr. de Lamartine, tom. 4. pag. 406. Bruxelles, 1847-
- (15) *Malth.* 5, 20.
- (16) *Ibid.* 15, 8 *Merc.* 7, 6.
- (17) *Institution d'un Prince, ou Traité des Qualités des Vertus e des Devoirs d'un Souverain*, par l'abbé *Duguet*, tom. 2, c. 3, art. 1 § 4, pag. 34 Londres, 1750
- (18) *Ventura*, obr. cit., c. 4, § 18, pags. 185 e segs.
- (19) *G. Pagés* obr. cit. art. *Egalité*.
- (20) *Bouillet*, *Dict. Univers. Hist. e Geogr. arts. Chine, Japon et Persie*, Mr. *Gaume* loc. cit.
- (21) *De l'Influence du Christian, sur le Droit Civil des Rom* par Mr. *Troplong*, p. 1, c. 4. Paris, 1855. « O Cristianismo diz este illustre juriconsulto (pag. 55) não foi somente um progresso sobre as verdades recebidas antes delle... mas ainda uma revelação do céu sobre as classes desherdadas da sciencia e sepultadas nas trevas do Polytheismo.
- (22) *Malth.* 6, 9.
- (23) *Ad Philip.* 2, 8.
- (24) *Malth.* 22, 21.
- (25) *Luc.* 12, 14.
- (26) *Malth.* 5, 17.
- (27) *Joan.* 6, 15.
- (28) *Luc.* 17, 14.
- (29) *G. Pagés*, obr. cit., art. *Socialisme. Balmes. Melanges Phil. Pol e Litt.* tom. 3, pags. 89 e segs.
- (30) *Ad Rom.* 8, 38. *Ad Cor.* 1, 15, 24. *Petr.* 1, 3, 22.
- (31) *Malth.* 16, 27.
- (32) Veja-se ainda a obra cit. do Sr. visconde de S. Vicente, 2 c. 2, ses. 9, § 1, pag. 421. Mr. *Rallaye*, obr. cit. pag. 15.
- (38) *Meditations et Etudes Morales*, por Mr. *Guizot*, preface, pag. 14. Paris, 1852.
- (34) *Const. do Imp.* art. 179, § 13.
- (35) *Ad Rom.* 8, 32.
- (36) *Le Catholicisme consideré dans ses Rapports avec la Societé*, par Mr. l'abbé *Réche*, pag. 239 Paris, 1866. Mr. *Gaume* obr. e tom. cit. pags. 12 e segs. *Cantu, Hist. Univ.* tom. 2, pag. 222. Lisboa, 1853.
- (37) *Goldsmith*, *Hist. Rom* tom. 3, pag. 22, Lisboa, 1807.
- (38) *Ibid.*
- (39) *Le Protestant. comparé au Cathol.* tom. 3, c. 52, pag. 95.



(40) Bella rasposta ao autor do art. *Christianisme*, inserto na cit. obr. de G. Pagés, onde lê-se: « Que le sentiment de l'égalité se soit revelé dans la société romaine avant la venue du Christ, cela n'est pas douteux » Como Cato pensaram tambem muitos outros philosophos, entre os quaes Aristoteles, que julgava a escravidão *tão util como justa!*

(41) *Troplong*, obr. cit. pag. 80 e 146.

(42) *Riche*, obr. cit. pag. 242.

(43) Vej-se de novo a obr. cit. do Sr. Visconde de S. Vicente p. 1, pag. 45. *Duguet* obr. e tom. cit., pag. 2, c. 4, pag. 54; e c. 17, art. 1, pag. 289.

(44) Matth. 22, 37 e 38. Marc. 12, 30 e 31.

(45) Matth. 22, 40.

(46) Dict. des Sciences Politiques, publié par Mr. l'abbé *Migne* art. *Guerre* Veja-se tambem a respeito de guerra o que diz Mr. *Riche* em sua já citada obra, pag. 249 e segs., e finalmente o padre Fr. Manoel dos Anjos, em sua « *Politica Predicavel* ». Lisboa, 1693,

(47) Matth 5, 44.

(48) Curso de Dir. Civ. Bras. pelo Sr. Dr. A. J. Ribas, dignissimo Lente Cathedratico da Faculdade de Direito de S Paulo, tit 2 e 4. § 2, pag. 176. Rio de Janeiro, 1865.

(49) Act. ap. 2, 29 e segs.

(50) « O christianismo abraça em seus dogmas e explica tanto quanto nos é necessario saber, Deos, o homem e o mundo. Elle nos instrue sobre estes pontos importantes de tudo o que necessitamos conhecer para a direcção pratica de nossa vida presente, e para a futura. » *La Morale de l'Evangile*, par Mr. *Bautain*, lect. 13, pag. 356. Paris, 1855.

(51) *L'Eglise et l'Empire Romain au IV siecle*, par Mr. A. De Broglie, p. 1, c. 1, pag. 216. Paris, 1860.

Faculdade de Filosofia  
Ciências e Letras  
Biblioteca Central

---



16  
M



Biblioteca Central  
Ciências e Letras  
Faculdade de Filosofia

16  
MII

